



MULHERES NA FILOSOFIA

Cleobulina de Lindos

Mariana Gardella

Victoria Juliá



Edição eletrônica

URL : <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cleobulina-de-lindos/>

ISSN: 2526-6187

Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 1, 2021, p. 1-9.

Cleobulina de Lindos

Mariana Gardella Hueso

Auxiliar do Departamento de Filosofia da Universidade de Buenos Aires e
Pesquisadora Assistente do Conselho Nacional de Investigações Científicas e
Técnicas

Victoria E. Juliá

Professora aposentada do Departamento de Letras Clássicas da Universidade de
Buenos Aires

Cleobulina (Κλεοβουλίνη), também chamada de Eumetis, nasceu na cidade de Lindos, na Ilha de Rodes. Acredita-se que ela viveu no século VI a.C., embora as datas exatas de seu nascimento e morte sejam desconhecidas. Ela era filha de Cleóbulo, um dos Sete Sábios da Grécia e soberano de Lindos. Para Cleóbulo, tanto os homens quanto as mulheres deveriam receber uma educação (Diógenes Laercio, *Vidas e Doutrinas de Filósofos Ilustres*, I 91). Por isso Cleobulina foi educada e chegou a ser considerada uma das mulheres mais destacadas de seu tempo, junto com as filósofas pitagóricas Teano e Mia, a oradora Aspásia e as poetisas Safo, Telesila e Corina (Plutarco, *Preceitos Conjugais*, 145e. Cf. Clemente, *Stromata*, IV 19. 122-123). Cleobulina dedicou-se à composição de enigmas ou charadas (em grego, *aínigma* ou *grîphos*) (Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas de filósofos ilustres*, I 89). Por ter usado o hexâmetro dáctilo, um verso característico da poesia épica, ela é considerada uma poetisa. Porém, devido ao valor filosófico de seus enigmas, ela também poderia ser vista como uma das primeiras mulheres filósofas.

Quem foi Cleobulina?

É difícil saber quem foi Cleobulina, pois existem poucos testemunhos sobre sua vida. O mais importante é o Banquete dos Sete Sábios de Plutarco. Embora se trate de um escrito de ficção, apresenta uma bela e complexa descrição de Cleobulina que nos permite saber indiretamente, a partir de como ela era vista, quem ela foi.

No Banquete dos Sete Sábios, Cleobulina aparece como uma das convidadas do simpósio celebrado por Periandro. Ao longo da obra, Cleobulina não fala, mas falam dela outros personagens que, como Tales e Esopo, admiram quem ela é e do que é capaz. Tales afirma que Cleobulina se destaca por sua sabedoria, sensatez, pensamento político e filantropia (Plutarco, Banquete dos Sete Sábios, 148d). Por seu caráter, ela teria tido uma participação política ativa, incomum para as mulheres de seu tempo, e teria ajudado seu pai nas tarefas de governo, fazendo dele um governante mais popular entre os cidadãos (Plutarco, Banquete dos Sete Sábios, 148e).

Ao longo do Banquete de Plutarco, Cleobulina se expressa por meio de gestos sutis que realçam a aura de mistério que envolve sua figura. Ele brinca, tece, cora quando falam com ela e corre ao encontro de Tales para beijá-lo. Ele também trança cuidadosamente o cabelo de Anacarsis, um sábio de origem cita, para embelezar sua rude aparência. Em outra fonte conta-se que Cleobulina lavava os pés dos estrangeiros que visitavam seu pai (Clemente, Stromata, IV 19. 122-123). Esses testemunho mostram Cleobulina cuidando de estrangeiros, o que poderia ser visto como um sinal de filantropia e hospitalidade.

O testemunho de Plutarco contrasta com as referências a Cleobulina encontradas na comédia, em que, de modo geral, as mulheres eram retratadas negativamente. Por seu notável trabalho intelectual e posição social de destaque, Cleobulina foi alvo de críticas de comediógrafos. Sobre ela foram escritas duas comédias, das quais conservamos poucos fragmentos. Temos, por um lado, Cleobulinas, de Cratino, uma obra em que o coro seria formado por mulheres que pronunciavam charadas de conteúdo provavelmente erótico; por outro, temos

Cleobulina, de Alexis, uma comédia em que se mencionava Sinope, uma prostituta. A partir dessas referências, podemos supor que os dramaturgos menosprezavam o trabalho intelectual de Cleobulina e zombavam de suas charadas, transformando-as em piadas de conteúdo provavelmente sexual.

Cleobulina era chamada assim por ser filha de Cleóbulo. No entanto, Plutarco diz que seu nome verdadeiro era Eumetis (Plutarco, Banquete dos Sete Sábios, 150b, Sobre os Oráculos da Pítia, 401a-b). Eumetis (literalmente “inteligência nobre”) é um nome falante que descreve a capacidade de Cleobulina de compor charadas (Plutarco, Banquete dos Sete Sábios, 148d). Na mitologia grega, Métis é quem dá a Zeus a droga que Cronos deve ingerir para vomitar os filhos que tinha engolido. Assim, o substantivo grego mêtis refere-se a uma forma de inteligência caracterizada como “astúcia”, que combina várias operações mentais e discursivas, como a intuição, a previsão, o engano e o senso de oportunidade, utilizadas para atingir com sucesso algum objetivo no âmbito prático. Detienne e Vernant acreditam que o nome Eumetis expressa o tipo de conhecimento que Cleobulina possui. É um conhecimento das ambiguidades e equívocos da linguagem que lhe permite não só compor enigmas, mas também poder resolvê-los: “O saber de Eumetis é duplo: ela sabe trançar as palavras ambíguas, reunir os contrários e entrelaçar dois sentidos, mas reciprocamente sua mêtis lhe permite encontrar a palavra ou a resposta que proporciona uma voz única ao discurso polimorfo e que, como se fosse uma ligadura mágica, impõe-se aos aspectos mais confusos de uma palavra que escapa à univocidade” (Detienne e Vernant 1974: 290).

O que é um enigma?

Na opinião de Colli (2005: 48), o enigma é um fenômeno arquetípico da sabedoria grega. Ele não representa um modelo de conhecimento claro e distinto, ao

contrário é o resultado de uma trama obscura de palavras cuja resolução pode custar vidas, como se vê, por exemplo, no enigma da própria morte que Hércules não conseguiu resolver: “Pois há muito tempo tenho uma profecia do meu pai: não morrer nas mãos de nenhum dos que respira, mas sim de quem, já falecido, era habitante do Hades (Sófocles, *Traquínicas*, 1159-1161).

Os enigmas eram apresentados em vários contextos e com diferentes propósitos. Em primeiro lugar, era comum que as competições de enigmas fossem realizadas nos simpósios como parte dos entretenimentos que aconteciam após o jantar, como pode ser visto no Banquete dos Sábios de Ateneu e no Banquete dos Sete Sábios de Plutarco. Em segundo lugar, muitas das mensagens transmitidas pelos oráculos tinham um caráter enigmático e eram compostas através dos recursos usados para a criação de enigmas, tais como a metáfora, a contradição e os termos polissêmicos. Como exemplo, podemos citar a resposta enigmática do oráculo de Delfos sobre Sócrates: que não há ninguém mais sábio (Platão, *Apologia de Sócrates*, 21a-c). Paradoxalmente, Sócrates é o mais sábio porque não sabe e reconhece não saber, ao contrário da maioria das pessoas que, apesar de ignorante, acredita que sabe. Em terceiro lugar, os enigmas também eram usados com fins pedagógicos para transmitir conhecimentos sobre ciência natural ou sobre os mitos que faziam parte da educação tradicional grega, como se pode ver no enigma do dia e da noite: “À minha mãe eu dou à luz e eu sou dado à luz por ela; algumas vezes sou maior do que ela; outras, menor ”(*Antologia Grega*, 14. 41). Em quarto lugar, os enigmas eram usados para fins filosóficos. O exemplo mais claro é o de Heráclito de Éfeso. Ele foi considerado um “criador de enigmas” (*ainiktés*) porque seus aforismos são como charadas cuja solução é difícil de encontrar (DK 22 A 1). Ao expressar suas opiniões de forma enigmática, Heráclito emula o modo como Apolo se expressa: “o senhor, cujo oráculo é o de Delfos, não diz nem esconde, mas dá sinais” (DK 22 B 93).

A primeira definição de “enigma” encontra-se na Poética. Ali Aristóteles afirma que o objetivo dos enigmas é “fazer combinações impossíveis para dizer coisas que são” (Aristóteles, Poética, 1458a26-27). Os enigmas referem-se a objetos, personagens ou experiências que formam parte da vida cotidiana por meio de estranhas descrições que aparentemente apontam para algo inexistente ou impossível. As descrições enigmáticas são o resultado de um uso excessivo de metáforas (Aristóteles, Poética, 1458a23-26. Cf. Aristóteles, Retórica 1405b1-5). Da mesma forma, muitas delas têm a aparência de contradições, o que faz com que os enigmas se assemelhem a paradoxos, como se vê no enigma do eunuco e do morcego: “Um macho não macho, que vê e não vê um pássaro não um pássaro, que pousava e não pousava em um tronco não tronco, atira nele e não atira uma pedra não pedra,” (Escólio em Platão, República 479c).

Mais tarde, Clearco de Solos, um discípulo de Aristóteles, escreveu uma obra intitulada Sobre as charadas (Peri gríphon). Ali, a charada é definida como “um problema divertido que exige que se encontre uma solução através de uma investigação realizada por meio da inteligência e que foi proposto com a intenção de atribuir um prêmio ou um castigo” (fragmento 86 Wehrli = Ateneu, Banquete dos Sábios, 10. 448c). Clearco apresenta as charadas como exercícios mentais que servem para treinar o pensamento na busca do conhecimento. No entanto, deve-se levar em conta que as charadas não constituem apenas desafios epistemológicos, mas também têm impacto existencial, uma vez que sua resposta pode modificar o destino de quem tenta resolvê-las. Por exemplo, Édipo é o único que consegue encontrar a resposta ao enigma da monstruosa Esfinge: “O que é que, apesar de ter uma só voz, conta com quatro pés, dois pés e três pés?” Todavia, no decorrer da tragédia de Sófocles, ele não consegue encontrar a resposta para um enigma mais fundamental: o de sua própria identidade. Com efeito, ele próprio é uma charada cuja solução reside na descoberta da sua verdadeira origem, à qual chega quando se reconhece como o oposto do que parecia ser. Em sua definição, Clearco acrescenta que o processo de resolução das

charadas envolve prêmios e castigos. Durante o simpósio, aqueles que resolviam as charadas recebiam coroas, beijos e elogios; aqueles que não conseguiam fazê-lo tinham que pagar uma prenda, como beber vinho sem respirar ou misturado com salmoura. Às vezes, as consequências de não encontrar a solução para um enigma podiam ser muito mais graves. Por exemplo, diz-se que Homero morreu por não conseguir resolver o enigma que lhe propuseram algumas crianças que matavam de piolhos: “quantos nós vimos e pegamos, nós os deixamos; quantos não vimos nem pegamos, estes mesmos carregamos” (Hipólito, Refutação de todas as heresias, IX 5).

Os enigmas de Cleobulina

Infelizmente, só conservamos quatro enigmas de Cleobulina: o da ventosa, o do bom ladrão, o da flauta e o do ano. É impossível saber se Cleobulina compunha seus enigmas de forma oral ou por escrito. Ateneu afirma que “em seus enigmas” (en toîs ainígmasin) ela propôs uma definição de “enigma” que foi discutida extensivamente por Diotimo de Olimpene (Ateneu, Banquete dos Sábios, 10.448b). Embora não saibamos qual foi essa definição, esse comentário nos permite pensar ou bem que Cleobulina escreveu um livro de enigmas, ou bem que alguém publicou uma compilação deles. Além disso, Plutarco lhe atribui a autoria de uma fábula, a do vestido da lua (Plutarco, Banquete dos Sete Sábios, 157a-b).

O enigma mais famoso de Cleobulina é aquele que se refere à aplicação medicinal de ventosas: “Eu vi um homem soldar um homem com fogo bronze.” Ele é citado por Aristóteles (Poética 1458a29-30, Retórica 1405b1) e Clearco (frag. 94 Wehrli = Ateneu, Banquete dos Sábios, 10. 452b) como um paradigma desse tipo de composição. Seguindo a análise de Aristóteles, na charada de Cleobulina há duas metáforas (cf. Aristóteles, Poética, 1457b9-16). Em primeiro lugar, as ventosas são chamadas de “bronze” porque este é o material de que são feitas (metáfora que aplica o nome do gênero a uma das espécies). Em segundo lugar, diz-se que o médico “solda”

porque, como Aristóteles reconhece na Retórica, não há um nome específico para a técnica das ventosas. Dado que o trabalho do ferreiro que solda bronze e o do médico que aplica ventosas pertencem ao mesmo gênero porque ambos são um tipo de “aplicação” (prósthesis), pode-se aplicar metaforicamente o nome de “soldagem” (kóllesis) à técnica médica de aplicação de ventosas (metáfora que aplica o nome de uma espécie a outra que pertence ao mesmo gênero).

O tratado anônimo conhecido como Discursos Duplos (Dissoi lógoi) transmite outra charada de Cleobulina, a do bom ladrão: “Eu vi um homem roubar e enganar violentamente / e fazer isso com violência era o mais justo” (3,11). No tratado, o enigma é citado para sustentar a tese segundo a qual justiça e injustiça não podem ser definidas objetivamente, ao contrário, são determinadas em relação à situação concreta em que se deve agir. A charada se refere ao paradoxo de um homem que rouba e engana com justiça. Embora se possa pensar que a solução é um ladrão que rouba com um propósito nobre, também foi proposto que poderiam ser os artistas, como pintores e dramaturgos, que enganam quando compõem, com várias imitações (miméseis), cenas verossímeis que podem ser confundidas com a realidade.

O terceiro enigma de Cleobulina é o da flauta: “Com sua pata e seu casco, um burro morto bateu em minha orelha” (Plutarco, Banquete dos Sete Sábios, 150f). Este enigma faz referência ao uso de ossos de burro na fabricação de flautas. Porque soavam melhor, esses substituíram os ossos de cervo que eram tradicionalmente utilizados. Tal como o enigma da ventosa, este se refere a um objeto (a flauta) por meio de uma metáfora que transfere o nome do gênero para uma das espécies.

O último enigma atribuído a Cleobulina é o do ano. Ele se baseia em uma analogia entre o ano, os meses e os dias, e um pai, seus filhos e seus netos: “um o pai, doze os filhos e cada um deles, trinta filhos” (Suda, s.v. Cleobulina).

Os enigmas de Cleobulina são relevantes para a história da filosofia por várias razões. Em primeiro lugar, ajudam-nos a compreender as primeiras reflexões

filosóficas sobre os enigmas desenvolvidas por Aristóteles e Clearco. Em segundo lugar, embora os enigmas de Cleobulina fossem considerados divertidos jogos mentais, eles também foram usados como veículo para a reflexão filosófica, como se vê nos Discursos Duplos. Em terceiro lugar, os enigmas de Cleobulina transmitem uma visão original do conhecimento. Os enigmas se referem a coisas, personagens ou experiências bem conhecidas que fazem parte da experiência ordinária, por exemplo, as ventosas, uma flauta, um ladrão e o ano com seus meses e dias. Pois bem, a banalidade da resposta contrasta com a obscuridade dos enunciados enigmáticos e com o esforço que implica resolvê-los. Por essa razão, o enigma pode ser compreendido como uma forma de acesso àquilo que, embora apareça à vista, oculta-se sob a forma de enunciados que exploram o caráter ambíguo e polissêmico da linguagem. A experiência de resolução de charadas fomenta a admiração que surge ao olhar com novos olhos para o que já se conhece e mostra que o evidente pode tornar-se incomum, magnífico.

Bibliografia

Edições e traduções

Bernabé Pajares, A. & Rodríguez Somolinos, H. (1994). *Poetisas griegas*. Madrid: Ediciones Clásicas.

Diehl, E. (1949). *Anthologia lyrica graeca*. Fasc. 1: *Poetae elegiaci*. Leipzig: Teubner.

Gardella, M. & Juliá, V. (2018). *El enigma de Cleobulina*. Buenos Aires: Teseo. Com prólogo de Walter Kohan. Versão on-line disponível em : <https://www.teseopress.com/elenigmadecleobulina/>

Plant, I. (2004). *Women Writers of Ancient Greece and Rome*. Norman: University of Oklahoma Press.

West, M. (1972). *Iambi et elegi graeci ante Alexandrum cantata*. Vol. 2: Callinus, Mimnermus, Semonides, Solon, Tyrtaeus, Minora adespota. New York: Oxford Clarendon Press.

Literatura secundária

- Berra, A. (2008). *Théorie et pratique de l'énigme en Grèce ancienne* (Tesis de doctorado, École des Hautes Études en Sciences Sociales). Recuperado de: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00674183/document>. Acceso: 1 de julio de 2020.
- Beta, S. (2016). *Il labirinto della parola. Enigmi, oracoli e sogni nella cultura antica*. Torino: Einaudi.
- Bowie, E. (2006). Cleobuline. In Cancik, H., Schneider, H., Salazar, C. F., Landfester, M. & Gentry, F. G. (eds.), *Brill's New Pauly*. Recuperado de: http://dx.doi.org/10.1163/1574-9347_bnp_e616050. Acceso: 1 de julio de 2020.
- Colli, G. (2005). *La sapienza greca*. Vol. 1: Dioniso, Apollo, Eleusi, Orfeo, Museo, Iperborei, Enigma. Milano: Adelphi (1° ed. 1977).
- Cursaru, G. (2013). Cléobuline de Rhodes. In Didier, B., Fouque, A. & Calle-Gruber, M. (eds.), *Le dictionnaire universel des créatrices* (pp. 987-988). Vol. 1. Paris: Des Femmes.
- Detienne, M. & Vernant, J.-P. (1974). *Les ruses de l'intelligence. La mêtis des Grecs*. Paris: Flammarion.
- Fabbro, E. (2008). La zampa cornuta dell' asino morto. Il più enigmatico enigma di Cleobulina (fr. 3W2). In Griggio, C. & Vendruscolo, F. (eds.), *Suave mari magno... Studi offerti dai colleghi udinesi a Ernesto Berti* (pp. 55-76). Udine: Forum.
- Konstantakos, I. M. (2005). Amasis, Bias and the Seven Sages as Riddlers. *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft*, 29, 11-46.
- Kwapisz, J. (2013). Were There Hellenistic Riddle Books? In Kwapisz, J., Petrain, D. & Szymański, M. (eds.), *The Muse at Play. Riddles and Wordplay in Greek and Latin Poetry* (pp. 148-167). Berlin: De Gruyter.
- Matelli, E. (1977). Sulle tracce di Cleobulina. *Aevum*, 71, pp. 11-61.
- Mossman, J. (1997). Plutarch's Dinner of the Seven Wise Men and its Place in Symposium Literature. In Mossman, J. (ed.), *Plutarch and his Intellectual World* (pp. 119-140). London: Duckworth and The Classical Press of Wales.
- Pietra, R. (1997). *Les femmes philosophes de l'Antiquité gréco-romaine*. Montréal: L'Harmattan.
- Waithe, M. (1987). *A History of Women Philosophers*. Vol. 1: Ancient Women Philosophers 600 B. C.-500 A. D. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Warren, K. J. (2009). *An Unconventional History of Western Philosophy*. New York: Rowman & Littlefield.

Tradução para o português: Carolina Araújo